



Joseph Campbell: o maestro dos mitos¹

Uma entrevista com Lia Diskin

Carlos Aldemir Farias da Silva

Nesta entrevista realizada, por mim, em 24 de novembro de 2011, Lia Diskin fala sobre Joseph Campbell, o *maestro dos mitos*, e o árduo trabalho de tradução da obra de pensadores da magnitude do mitólogo para a língua portuguesa. A rapidez e a gentileza com que Lia atendeu a minha solicitação, feita por *e-mail*, para realizá-la merece registro, pois na época a Fundação Palas Athena havia mudado de endereço e a mudança se encontrava encaixotada na nova sede na alameda Lorena, no bairro dos Jardins, em São Paulo, onde aconteceu o encontro.

Disposta e receptiva, e em meio as caixas, Lia me serve um chá e delicadamente iniciamos um diálogo acerca do mitólogo. A precisão das palavras, as respostas claras, bem construídas e a limpidez de raciocínio, ao retomar frases no mesmo ponto em que as deixara depois de inserir comentários, observações ou precisões, demonstram a destreza de Lia como uma das tradutoras da obra de um dos mais importantes teóricos da cultura do século XX.

1 Esta entrevista é parte integrante da minha tese de doutoramento intitulada *Joseph Campbell: trajetórias, mitologias, ressonâncias*, defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, em 2012.

Carlos: Lia, obrigado por me receber. O primeiro livro de Joseph Campbell que eu li foi *O poder do mito*, uma bela entrevista de Campbell, concedida a Bill Moyers, traduzida e publicada pela editora Palas Athena em 1990. Foi a partir desse livro que eu passei a ter contato com a obra de Campbell. Então, penso que podemos iniciar a nossa conversa a partir dele. Fale um pouco sobre o trabalho da Palas com a tradução dos livros de Campbell, com a difusão de suas ideias no Brasil a partir dessa obra.

Lia: Primeiramente, seria interessante lembrar que a nossa aproximação com o trabalho de Joseph Campbell foi devido à publicação de três livros de Heinrich Zimmer, um escritor alemão que faleceu relativamente jovem, aos 52 anos, em 1943, em plena carreira acadêmica, em pleno desenvolvimento intelectual, uma capacidade extraordinária de poder ler e traduzir o que chamaríamos de o ideário e a cosmovisão oriental, especificamente a cosmovisão da Índia para o Ocidente. Campbell estudou com ele e, quando tomou conhecimento de sua morte, se aproximou da viúva Christiana e manifestou a sua vontade de poder ver os textos inéditos que ele tinha deixado. Zimmer havia deixado obras não finalizadas como, por exemplo, *Filosofias da Índia* que, na minha percepção, é a que melhor traduz o mundo Oriental sem deformá-lo e, também, sem infantilizá-lo, para a nossa mentalidade, nossa capacidade de compreensão do mundo e compreensão de realidade. Essa obra não estava acabada. Ainda estava totalmente em estado muito provisório de definição no último capítulo e Campbell literalmente se devotou para dar conta de todo o conteúdo da obra. No último capítulo que diz respeito ao tantrismo, ele tomou o trabalho de compilar os apontamentos dos alunos de Zimmer. A partir dessa compilação de apontamentos de aulas, ele terminou construindo o capítulo *o Tantra*.

Essa foi a minha primeira aproximação e admiração por Joseph Campbell. Considero que foi um trabalho exaustivo trabalhar com a língua alemã e depois traduzir tudo isso para o inglês, que é extremamente pragmático como língua e me parece muito mais pobre do que o alemão no campo da filosofia – no campo da filosofia, o alemão tem uma vastidão –, e não é por acaso que foram as universidades alemãs as primeiras que abrigaram cadeiras que são inscritas como disciplinas tanto na área de linguística quanto na área da própria filosofia.

Então, considero que deve ter sido realmente um trabalho exaustivo para o Campbell, mas a gente vê pela beleza da composição literária e igualmente pelo detalhamento da bibliografia e das citações das fontes que Campbell era um fiel honorável discípulo de Heinrich Zimmer. Foi, então, a partir dessa obra que a gente publicou *Filosofias da Índia* e duas outras obras sistematizadas por Joseph Campbell, ou seja, ele deu os últimos retoques. Uma delas chama-se *The King and the Corpse* [*O rei e o cadáver*], o título de um dos contos. Nós traduzimos esse livro para o português com o título *A conquista psicológica do mal*². Belíssima obra, extraordinária obra a qual já não mais transita sobre o Oriente, mas também sobre o Ocidente, resgatando todo o ciclo arturiano, todo o ciclo do centro arturiano e algumas passagens ainda do *As mil e uma noites*, e lendas do paganismo irlandês. A outra obra que publicamos é *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*, também admirável,

2 Este livro reúne um conjunto de histórias da literatura oriental e ocidental e tem como fio condutor a preocupação comum com o eterno conflito entre o homem e as forças do mal. Heinrich Zimmer comenta as narrativas e desvenda o significado inerente a cada símbolo, aparentemente desvinculado dos demais, e propõe uma unidade filosófica do grupo de mitos. O conjunto de contos assume as mil faces da alma humana para abordar o mal como uma questão fundamental entre os humanos (Nota do Entrevistador).

de grande contribuição para a compreensão desse macromapa, dessa macrocartografia do universo no centro da Índia.

Foi a partir da publicação dessas três obras que conhecemos Joseph Campbell autor, já maduro no sentido de assumir e organizar seu próprio repertório de ideias e obras; e publicamos a primeira de todas que foi *O poder do mito* que, na realidade, foi a maneira com que Joseph Campbell foi catapultado para o cenário popular, porque ele já tinha publicado a quadrilogia que se constituiu no conjunto *As máscaras de Deus*, que começou a ser escrito na década de 1950 o primeiro volume, *Mitologia primitiva*.

O poder do mito é uma obra mais tardia, mas que adquire essa repercussão, primeiro porque se trata de um diálogo, ou seja, não é apenas a manifestação de uma reflexão elaborada em um processo em que o conhecimento vai amadurando, amadurando, amadurando e você pode ir acompanhando essa maturação de um inverno, talvez seminal, para uma primavera, um verão em fruto. Você tem uma obra que, por meio desse diálogo mantido com Bill Moyers, apresenta uma extraordinária capacidade não apenas de acompanhar o pensamento de Campbell, mas, também, de quase que convidá-lo, quase que desafiá-lo e incitá-lo a entrar em um cenário de reflexões, às vezes como crítica ao monoteísmo, por exemplo, e a extraordinária capacidade que também teve Betty Sue Flowers e a própria Jacqueline Kennedy Onassis que pertencia à estirpe da Editora Doubleday que publicou essa obra, nos Estados Unidos, em 1988.

Na realidade, *O poder do mito* é o resumo da transcrição de uma série de encontros havidos na televisão aberta dos Estados Unidos entre Joseph Campbell e Bill Moyers. Foi isso o que aconteceu; temos que ser honestos, foi isso na certa que colocou Joseph Campbell no campo do cenário do pensamento mundial. Antes,

me arrisco a dizer, era demasiadamente hermético, desde a sua reflexão como para poder chamar e conclamar um público um pouco menos maduro, menos ávido, capaz de estar frequentando os meandros do pensamento. Então, é a partir do livro *O poder do mito* que vamos encontrar dentro do universo do psicólogo, dos terapeutas formais e dos terapeutas informais todo chamamento para uma majestosa verdade escondida atrás das roupagens, da metáfora, da alegoria, do próprio conceito de mito.

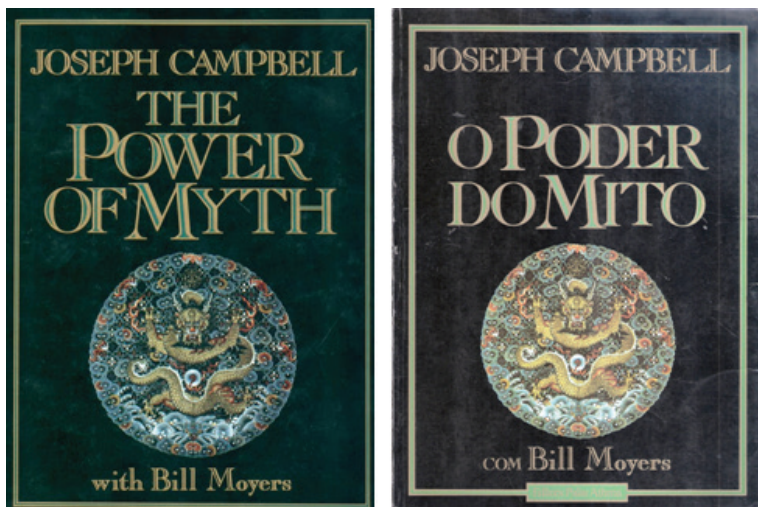
Carlos: *O poder do mito* projeta Campbell para um público mais amplo e populariza as suas ideias em vários países, uma vez que a tradução desse livro aconteceu simultaneamente em diversos lugares do planeta.

Lia: Sem dúvida.

Carlos: Como você bem disse, talvez as ideias de Campbell estivessem restritas a um público erudito, mais refinado do ponto de vista do conhecimento. Então, foi importante essa entrevista concedida por Campbell a Bill Moyers para projetar a sua obra. Contudo, essa entrevista acontece quase no fim da vida de Campbell, já que ele faleceu em 30 de outubro de 1987 e esse diálogo foi gravado em vídeo no início da década de 1980.

Lia: Exatamente! Ele já estava idoso; a gente vê no próprio documentário *O poder do mito* o Campbell com a idade avançada.

Capas do livro *O poder do mito* (edição norte-americana, 1988; edição brasileira, 1990)



Fonte: reprodução arquivo pessoal

Carlos: Lia, você chegou a conhecer pessoalmente Joseph Campbell?

Lia: Nunca. Lastimo não ter tido a sensibilidade de convidá-lo quando começamos a tradução dos livros de Heinrich Zimmer. Nossa aproximação com o pensamento de Campbell foi realmente posterior. Foi quando saiu *O poder do mito*. Quando saiu esse livro, logicamente nos deparamos com a sua obra maior *As máscaras de Deus* – um conjunto de quatro volumes traduzidos pela editora Palas Athena. Era a marca dele. Falamos: “meu Deus, este é um conhecimento que de maneira nenhuma pode ficar ausente ao Brasil ou à população de língua portuguesa”. Depois tomamos conhecimento de uma informação importante, por meio de Bob Walter, um dos seus discípulos, que hoje é o presidente da Fundação Joseph Campbell, nos Estados Unidos. O Bob falou:

“ninguém teve a coragem de comprar os direitos autorais de *As máscaras de Deus* em língua portuguesa”. Porque é uma obra que precisa passar pela revisão deles, ainda que a gente também se debruce com esmero na tradução. Eu trabalhei nos três primeiros volumes pessoalmente, no quarto volume não tanto quanto gostaria, mas também trabalhei, tentando tornar um pouco mais palatável o acesso às ideias, porque há nessa obra na edição campbelliana, na edição original, parágrafos que se prolongam por três páginas e, temos que ser honestos, não estamos acostumados a seguir um raciocínio durante três páginas.

Campbell tem a capacidade de começar uma ideia e desdobrá-la; ver como essa ideia foi se revirando e se espelhando em outras culturas, e com isso não estamos acostumados. A gente também teve todo um trabalho de edição para facilitar o entendimento do público, que não é um público especialista na compreensão de uma obra tão vasta. Aliás, a Lucia também trabalhou nos quatro volumes; ela também trabalhou na revisão de todas as fontes, porque tivemos que assinalar algumas fontes que não estavam bem assinaladas, se diziam que tal fonte estava, por exemplo, na quarta página na primeira sessão e estava em outra página, em outra sessão. A Lucia se encarregou de rastrear todas as fontes junto com Daniela Moreau, outra magnífica professora daqui da Palas Athena, que é historiadora. Ela pegou todas as fontes em alemão, porque ela tem a esperteza da língua, pegou todas as citações que estão feitas na obra *As máscaras de Deus* em alemão, sobretudo o terceiro volume que é *Mitologia ocidental* no qual tem muita citação em alemão; é muita citação de toda essa extraordinária floresta que corresponde à mitologia germânica, e foi Daniela quem rastreou todas essas fontes.

Carlos: E Carmen Fischer?

Lia: A Carmen Fischer é a tradutora dos quatro volumes da obra *As máscaras de Deus*; brilhante profissional. Mas não era uma especialista em mitologia. Ela foi se tornando a partir da pesquisa que foi necessária fazer.

Carlos: Então, essa questão que eu tinha formulado sobre a dificuldade do trabalho de tradução e que precisou de uma equipe: Carmen, Lucia, você, Daniela Moreau...

Lia: Da Daniela Moreau e de uma pessoa que hoje está morando na Itália chamada Elie Karman. Brilhante colaborador, um grande estudioso. Ele é do meio empresarial e financeiro, mas também é um pesquisador de campo, um estudioso de campo.

Carlos: Então foi realmente um trabalho de fôlego.

Lia: Sim.

Carlos: A Palas começou a traduzir a tetralogia *As máscaras de Deus* na década de 1980? Logo após a morte de Campbell?

Lia: Não. Acho que um pouquinho depois, já não me lembro, a Lucia deve lembrar. Eu não lembro, mas realmente exigiu muito de nós, volto a dizer... Em ter que compreender o que ele estava falando, mas também em tornar acessível esse pensamento de uma densidade na qual um leigo jamais teria competência de adentrar, pois nesse aspecto nos sentimos muito felizes e muito gratificados, pela utilização da obra de Campbell por psicólogos, antropólogos e outros estudiosos, em suas teses, como no seu caso, mas também em suas terapias, palestras, observações, colóquios, abordagens de pesquisa. É gratificante para nós, porque se tornou compreensível.

Carlos: Campbell fala sempre sobre a unidade espiritual dos seres humanos. Ele sustenta a tese de que os mitos formam a unidade espiritual da espécie humana, pois estão presentes em todas

as culturas; que somos universais não apenas pelo biológico, mas também pelo espiritual, porque todos os homens fazem parte do coral dos mitos. Gostaria que você falasse um pouco sobre essa ideia tão presente na obra.

Lia: Campbell foi muito feliz quando conseguiu escrever de maneira didática essa composição de que há quatro funções da mitologia. Acredito que isso é de uma felicidade extraordinária, porque praticamente você não vai encontrar nenhuma cultura na qual essas quatro funções inexistem. Você pode falar da mitologia, mas também pode estender para a religião, da qual se viveu na história até agora, isso é extraordinário. Quando ele diz que o primeiro aspecto que procura o mito, a metáfora, a alegoria, a anedota dentro do campo espiritual é despertar o sentimento de espanto perante o mundo, a fim de contar onde nós estamos nisso, não é algo banal, isso não é algo incerto, para se dizer insignificante, tudo é uma complexidade. Naquela época não se falava na complexidade, uma complexidade não é incerta, uma capacidade homeopática de se manter uma sustentabilidade e manter uma percepção de futuro, literalmente não é certo, é absurdo... A *primeira* função é criar uma percepção de que esse mundo onde você está é inefável, é um mistério e por isso provoca esta percepção, espanto; a *segunda* função é criar uma cosmologia, uma visão organizada deste universo incomensurável, uma ordem possível de ser compreendida. E criar minimamente a concepção de universo, compreensão do espaço que habitamos. E ainda quando se fala na *terceira* função, a de nos inserir dentro de um cenário social, ou seja, criar vínculos e relações que, por sua vez, vai nos dar a possibilidade de construir uma identidade; para terminar, por último, na *quarta* função: esse espaço íntimo individual, solitário e de consciência para cada um de nós começarmos a dar significado

às coisas. Imagine. Eu encontro isso na religião, na doutrina espiritual e dentro dos corpos dos universos politeístas, dos universos panteístas, dos universos animistas, dos universos monoteístas e ainda naquelas tradições que não têm sequer um Deus como uma proposta aglutinante, caso do budismo. Todas elas têm essas quatro funções. Então, penso que foi uma felicidade extraordinária.

Carlos: E essas quatro funções são recorrentes em toda a obra dele.

Lia: Sim, em toda a obra.

Carlos: A Palas traduziu a tetralogia *As máscaras de Deus e O poder do mito*. Tem mais algum livro traduzido pela Palas Athena?

Lia: Não. As outras obras do Campbell que mais me lembro são três: *O herói de mil faces*, *As transformações do mito através do tempo*, ambas publicadas pela editora Pensamento/Cultrix, muito antes de publicarmos *O poder do mito*; e *Mitologia na vida moderna*, publicada pela editora Rosa dos Tempos. Tem também vários outros livros dele que foram publicados por outras editoras.

Carlos: Eu tenho um pequeno livro de Campbell traduzido no Brasil em 1991; trata-se do livro *A extensão interior do espaço exterior*, que faz parte da coleção Somma, coordenada pelo escritor Paulo Coelho, na época. Creio que seja o segundo livro dele traduzido no Brasil.

Lia: Não conheço.

Carlos: Eu fiz um levantamento das traduções dos livros de Campbell no Brasil e observei que grande parte da obra já está traduzida para a língua portuguesa.

Lia: Não acredito. Mais do que o espanhol?

Carlos: Acredito que sim.

Lia: Mas que notícia maravilhosa.

Carlos: Falta traduzir o *Atlas Mitológico*.

Lia: O *Atlas* ainda está em um processo de liberação com a Fundação Joseph Campbell devido às imagens; algumas delas já estão desatualizadas, além de terem se perdido os fotolitos de outras.

Carlos: Então vai ter que ser um trabalho de fôlego para recuperar as imagens e atualizar.

Lia: Vai ser um trabalho mais do que de fôlego, de coragem!

Carlos: A Palas mantém contato permanente com a Fundação Joseph Campbell, nos Estados Unidos?

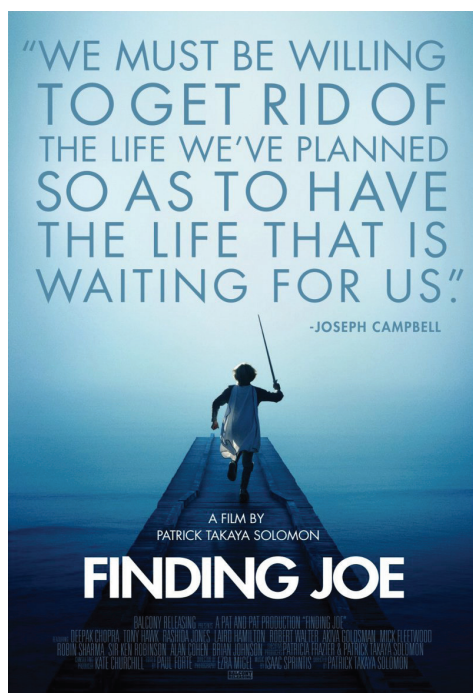
Lia: Sim. Por meio do Bob Walter, a quem trouxemos em 2010, lembra?

Carlos: Sim. Eu participei do Seminário *A jornada da transformação* e do *workshop Descobrimo os mitos pelos quais vivemos*, ambos ministrados por Robert Walter, em abril de 2010 na Palas. Fale um pouco sobre esse intercâmbio da Palas com a Fundação.

Lia: Bob Walter é uma pessoa extremamente comunicativa e na realidade é um devoto discípulo de Campbell. A gente percebe, ele era um homem de teatro e abandonou absolutamente tudo para dedicar-se à Fundação Joseph Campbell e poder pontilhar tudo o que Campbell deixou; passar para uma linguagem acessível. Ele fez toda uma série de filmes, um pequeno vídeo, um pequeno documentário que havia, para poder colocar tudo dentro de um registro. Walter é uma pessoa muito sintonizada com as questões tecnológicas, de grande velocidade e de transformação por meio da informação; então, eu penso, acredito e falo que ele é devoto e discípulo de Campbell.

Carlos: Em abril de 2010, quando Robert Walter esteve aqui na Palas, ministrando o seminário e o *workshop*, ele comentou e apresentou um trailer³ de *Finding Joe*, um filme-documentário que aborda fragmentos da vida de Campbell. No verão de 2011, foi lançado nos Estados Unidos. Você chegou a assistir esse filme?

Cartaz de *Finding Joe*



Fonte: arquivo pessoal reprodução

Lia: Ainda não tenho conhecimento. Eu conheço a série *O poder do mito* e *Os mitos na história*. Você tem essa série também?

3 Filme-documentário de Patrick Takaya Solomon, exibido nos Estados Unidos em 2011 (Nota do Entrevistador).

Carlos: Tenho apenas a série *O poder do mito*. Gostaria de conhecer sobre *Os mitos na história*. A Palas promove seminários, cursos e palestras sobre as ideias de Campbell. Fale um pouco acerca desse trabalho.

Lia: Constantemente essas obras colocam você em um repertório hoje extremamente interessante. Quando você une três macropercepções, que é essa de Joseph Campbell junto com a de Humberto Maturana (Biologia), junto com a de Riane Eisler (Ciências Sociais), uma abordagem que, sem sombra de dúvidas, parte de conhecimentos e fontes diversas e entra em um cenário luminoso. Temos o mundo das ciências biológicas e a outra parte das ciências sociais. Essa obra é para um Seminário, é um divisor de águas, porque só há muito pouco tempo tivemos uma percepção a respeito do passado e ele, em contato com uma grande arqueóloga grega que também morreu relativamente jovem, Marija Gimbutas, começa a refletir: Mas que passado é esse do qual estamos falando? É realmente o passado que ficou ou é um passado filtrado por uma leitura patriarcal? Os museus mostram o que foram as culturas do passado ou o que foram selecionados de acordo com aquilo que produziram a cultura? Essa é uma pergunta muito forte, porque ela literalmente está começando a mexer nos alicerces de uma percepção de realidade, uma percepção civilizatória. Então, penso que, ao unir hoje essas três vertentes, temos o acesso a um universo de compreensão, não apenas do passado, mas de uma compreensão do porquê estamos, onde estamos; do porquê estamos na situação em que estamos. Sem esses autores, penso que o passado se torna muito branco e preto, se torna menos rico, menos consistente, menos plausível para a consciência que temos hoje. Não é possível entender o que está acontecendo, por exemplo, neste momento sobre os recursos naturais do planeta, a não ser que consigamos compreender qual é

a lógica do patriarcado, e na lógica do patriarcado exige o sistema e a compreensão da propriedade, da apropriação sem nenhum tipo de limites, sem nenhum tipo de rede, sem nenhum tipo de consideração por nada nem ninguém. Não podemos compreender o que aconteceu em *Wall Street*, com seus investidores, a não ser que entremos literalmente no complexo de Zeus e no mito complexo de Zeus. O que aconteceu em 2008, por exemplo? O enredo de alguns acreditarem tão absolutamente no poder e na onipresença, sem ver a repercussão dos seus atos. Quando a menina hoje está gritando e culpando *Wall Street*, literalmente isso é uma cena mítica, você não pode entender isso a não ser por Campbell, e é como derrotá-la nos circuitos olímpicos pelos mortais.

E tudo isso partiu de uma percepção sistêmica, como propõe Humberto Maturana. Conseguimos ver o que está acontecendo, enxergar o que está acontecendo. O grande problema da nossa época é termos todas essas informações picotadas e não conseguirmos fazer uma sequência. Penso que isso é grande, um grande tripé que nos permite fazer um “filme” e compreender o que está se passando.

Carlos Aldemir Farias da Silva é professor da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Antropologia pela PUC-SP. Atua na Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens e no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA.

Lia Diskin é jornalista, especializada em Crítica Literária pelo Instituto Superior de Periodismo José Hernandez (Buenos Aires). Realizou estudos sobre Upanixades na *Vedanta Society* em Uttar Pradesh, Índia. Especializou-se nos filósofos Nagarjuna e Kamala Shila no *Centre for Tibetan Studies da Library of Tibetan Works and Archives* em Dharamsala, Índia. Responsável pelas visitas do Dalai Lama ao Brasil. Cofundadora da Palas Athena, criadora e mentora de programas educacionais e projetos socioeducativos, de redes de participação cidadã e parcerias dos mais diversos setores da sociedade. Coordenadora do Comitê da Cultura de Paz – um programa da UNESCO.